

O início do fim? Notas sobre a teoria marxista da dependência no Brasil contemporâneo

Fernando Correa Prado e Rodrigo Castelo

Retomar o fio da teoria da dependência como ponto de partida significa reencontrar o melhor do pensamento de esquerda, mas não supõe de modo algum que ela seja resposta suficiente à atual problemática. Pelo contrário, faz-se necessário assumi-la de modo criador, isto é, submetendo-a a uma revisão radical.

Ruy Mauro Marini, "Crise teórica", 1992.

I. Introdução

No dia 19 de junho de 2011, a Folha de São Paulo dedicou páginas do seu caderno Ilustríssima à celebração dos 80 anos de Fernando Henrique Cardoso. O título da matéria era "O provocador cordial". Pode-se dizer que o artigo faz uma provocação nada cordial aos críticos de FHC. Com certo conteúdo biográfico, a matéria abordou o tema da dependência, apresentando considerações sobre outros autores que trataram deste mesmo tema. Em passagem destinada ao suposto "catastrofismo" de alguns, afirma:

FHC passava a ser o grande adversário das teses catastrofistas, segundo as quais países como o Brasil estavam condenados à estagnação e só teriam chances de se desenvolver fora dos marcos do capitalismo. Sociólogos como o americano [sic] André Gunder Frank e os brasileiros Theotônio dos Santos e Rui [sic] Mauro Marini, conhecidos como "dependendistas de esquerda" – hoje caídos no esquecimento –, partilhavam dessas ideias com razoável sucesso (BARROS e SILVA, 2011, p. 4).

E a matéria segue argumentando que o contraponto a tais "sociólogos" se condensava em **Desenvolvimento e dependência na América Latina**, livro "lançado em 1967, no Chile, em parceria com o argentino [sic] Enzo Faletto". Nada mais equivocado, tanto em seu conteúdo quanto em seu tino sobre o próprio período histórico no plano do debate político-intelectual.

Quanto ao conteúdo, e para além dos pequenos erros, o argumento é equivocado. Aquelas teses "catastrofistas" nunca perpassaram as obras de Andre Gunder Frank, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini ou quaisquer outros intelectuais ligados à vertente marxista da teoria da dependência; na verdade, a condenação à estagnação a

meados dos anos 1960 foi argumento de desenvolvimentistas como Celso Furtado e Aníbal Pinto, que logo revisariam suas próprias posições.

Quanto à percepção sobre o período histórico no que se refere à “batalha das ideias”, a matéria também se equivoca ao afirmar que aqueles autores denominados de “dependentistas de esquerda” estariam hoje “caídos no esquecimento”. Ao que parece, o tom apologético da matéria assinada por Fernando de Barros e Silva impediu que se apontasse para algo que vem ocorrendo durante os últimos 15 anos em relação ao debate sobre a dependência no Brasil, que é exatamente o contrário do esquecimento: o resgate e a atualização da teoria marxista da dependência (TMD).

Tal equívoco da matéria da Folha de São Paulo pode ser revelado através de outro texto jornalístico. Sob o título de “O segundo retorno”, veiculada no dia 30 de março de 2013 no caderno Prosa & Verso do jornal O Globo, a matéria de Leonardo Cazes resume muito bem a trajetória daqueles autores, captando seu retorno atual:

Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos foram perseguidos por ditaduras no Brasil e no Chile e suas ideias ficaram desconhecidas em seu próprio país, onde agora voltam a ser debatidas. [...] A teoria da dependência, em sua vertente marxista, vem sendo retomada por uma nova geração de historiadores, economistas e cientistas sociais (CAZES, 2013, p. 2 e 3).

Ou seja, se durante o período da ditadura empresarial-militar aqueles autores “caíram no esquecimento” – na verdade, foram sistematicamente perseguidos pela ditadura e cerceados pela hegemonia desenvolvimentista –, o fato é que, desde o início do século XXI, eles voltaram a ser conhecidos e debatidos, formando um movimento de reconstrução da teoria marxista da dependência no Brasil.

Pois bem, neste quadro de retomada da TMD no Brasil, o presente ensaio procura inicialmente oferecer uma espécie de mapa bibliográfico – amplo, mas sem a pretensão de ser completo ou conclusivo – da atual produção sobre esse marco teórico no país, observando as formas e temas que têm sido trabalhados ultimamente. Diante disso, é possível perceber o surgimento de uma nova geração da TMD, que busca resgatar a tradição marxista para a interpretação da nova etapa do imperialismo e para a transformação da realidade do capitalismo dependente. O objetivo primário do texto é fazer um balanço provisório dessa retomada. O ensaio trata também de assinalar alguns nexos explicativos desse ressurgimento, apontando para as implicações políticas deste processo, que poderia ser entendido como uma das expressões do início do fim da supremacia do atual bloco ideológico dominante.

II. Furando o bloqueio: alguns aspectos bibliográficos

Como se sabe, no Brasil de meados da última década configurou-se um quadro de “volta ao passado” dos ideais desenvolvimentistas, o que tem se revelado tanto no plano político como no ideológico, configurando aquilo que hoje se chama genericamente de novo desenvolvimentismo. Tal fenômeno saudosista tem diversas origens, entre as quais estaria a própria “crise teórica” que sofriam – e em parte ainda sofrem – as ciências sociais latino-americanas quando comparadas ao ambiente intelectual das décadas de sessenta e setenta. Neste período “as ciências sociais experimentaram um auge sem precedentes na América Latina, que se manifestou na produção de um sem-número de obras significativas, no campo da literatura econômica, sociológica e política” (Marini, 1992, p. 67). Ainda de acordo com Marini ,

[...] na raiz desse fenômeno [de volta ao passado nacional-desenvolvimentista], está a falência do pensamento de esquerda e sua incapacidade de oferecer a base teórica para a formulação de uma estratégia política adequada ao momento que vivem os povos da América Latina.

Reverter essa situação é tarefa hoje prioritária. Para isso, é necessário retomar o fio do pensamento crítico de esquerda naquele ponto em que ele alcançou o seu nível mais alto e que corresponde à teoria da dependência. Impõe-se, de fato, a construção de uma teoria marxista da dependência, recuperando sua primeira floração dos anos vinte e a que se registrou a partir de meados dos sessenta. [...] (MARINI, 1992, p. 100-101).

Atualmente, após mais de vinte anos de quando foram escritas estas linhas, é possível afirmar que, finalmente, tem sido levada a cabo a proposta de “retomar o fio da teoria da dependência”, em particular na “construção de uma teoria marxista da dependência”.

Aqui no Brasil a TMD teve uma trajetória muito particular. Seus primeiros estudos começaram a ser elaborados em duas frentes de batalha: na política, as teses da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (Polop) defendiam a inexistência do feudalismo no Brasil, a incorporação do capitalismo monopolista no país após a chegada das multinacionais e o caráter socialista da revolução; na academia, Ruy Mauro, Theotônio e Vânia, então militantes da Polop, reuniram-se na Universidade de Brasília (UnB) em torno do curso de Ciência Política e começaram a rascunhar, junto com Gunder Frank, os primeiros esboços da TMD em consonância com as teses supracitadas da Polop.

Com o golpe de 1964, foram defenestrados da universidade e passaram a ser perseguidos como lideranças revolucionárias, sendo que Theotônio e Vânia se tornaram clandestinos e, mais tarde, tiveram que se exilar (primeiro no Chile, depois no México, com

passagens por outros países da América Latina), e Ruy Mauro foi preso e torturado nas dependências do Cenimar, indo também para o exterior logo em seguida. Entre 1970 e 1973 eles se reencontrariam no Chile e lá retomariam, num patamar mais elevado, seus estudos sobre a nova dependência na América Latina e seus processos políticos – reformistas, revolucionários e contrarrevolucionários. A coerção da ditadura brasileira fez, então, o papel protagonista de eliminar do debate nacional as teses da TMD logo no seu nascimento. O golpe contra Salvador Allende e a Unidade Popular no Chile desferiu mais um ataque brutal às correntes marxistas, que não se recuperariam na sua plenitude. Assim, diversas linhas de pesquisa da TMD ficaram inconclusas, sem falar na desarticulação da sua ligação orgânica com as lutas sociais da classe trabalhadora na América Latina.

A ditadura empresarial-militar também se utilizaria de elementos consensuais para se manter no poder e consolidar o capitalismo monopolista no Brasil. Primeiramente destacam-se as teses da Doutrina de Segurança Nacional formulada pela Escola Superior de Guerra (ESG), na qual o desenvolvimento econômico tinha um papel central na construção da soberania do país, sem desafiar diretamente o imperialismo. Desta forma, o desenvolvimentismo foi disputado pelos setores mais reacionários que, durante um período da nossa história, foram vitoriosos neste combate ideológico. O ideário desenvolvimentista ganhou uma face militarista e atingiu o senso comum através das políticas do “Milagre Econômico” e do “Brasil Potência”, conquistando o apoio de setores direitistas da pequena burguesia e mesmo de frações dos trabalhadores. Junto a isto, o regime ditatorial tratou de implementar algumas políticas sociais de amplo alcance, como a de habitação popular, e conceder determinados direitos sociais, em particular na área previdenciária.

Configurou-se assim, no auge da ditadura, um bloqueio político-militar e ideológico à TMD no Brasil a partir daquilo que Antonio Gramsci chamou de supremacia¹, um conjunto de recursos coercitivos e de consentimento – “ditadura e hegemonia”, nos termos do comunista sardo – que as classes proprietárias se utilizam para cooptar e/ou decapitar lideranças de movimentos contestatórios da ordem estabelecida.

Os ataques à TMD, contudo, não vieram somente das fileiras da ditadura. Já na década de 70, setores de esquerda da intelectualidade brasileira retornaram do exílio e montaram aparelhos privados e estatais de hegemonia, tais como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e o Departamento de Economia e Planejamento Econômico da Unicamp. A partir destes aparelhos disputaram a hegemonia do debate

1 O conceito de supremacia é definido da seguinte forma por Gramsci ([1934-5] 2002, p.62-3): “O critério metodológico sobre o qual se deve basear o próprio exame é este: a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a ‘liquidar’ ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também ‘dirigente’.”

desenvolvimentista. De um lado, teceram relevantes críticas ao padrão de acumulação responsável pelo “milagre econômico”, realçando seus traços de concentração de renda e riqueza. De outro, fizeram uma revisão crítica das teses clássicas da Cepal, da Escola de Sociologia da USP e, de forma mais virulenta, das proposições da teoria marxista da dependência.

As formulações de Fernando Henrique Cardoso sobre desenvolvimento e dependência foram difundidas e assimiladas sem se levar em conta toda a riqueza da controvérsia da dependência, que havia então se desenrolado no Chile sem ter eco no nosso país. Quando citadas, as principais formulações de Theotônio, Vânia e Marini estavam longe de serem retratadas de forma objetiva pelos seus críticos. Restou, desta forma, o reinado da perspectiva do “Príncipe dos Sociólogos”, sem sequer se conhecer as posições das vertentes marxistas, que então foram deformadas teórica e politicamente, rotuladas de “catastrofistas”, “estagnacionistas”, “trotskistas” e “radicais”.²

Mantendo a imagem da matéria de Leonardo Cazes citada na introdução, a década de 1980 seria palco do “primeiro retorno” daqueles autores: um retorno lento, gradual e nada seguro – Marini chegaria a ser preso mais uma vez em 1982. Aos poucos, e num ambiente acadêmico reconhecidamente conservador³, Theotônio, Vânia e Marini se incorporaram a diferentes centros de ensino e pesquisa, juntando-se momentaneamente na Fundação Escola de Serviço Público (FESP/RJ) e, mais tarde, na UnB, onde foram reintegrados como professores. No campo político, a unidade entre eles era cada vez menor. No Chile, eles já haviam trilhado caminhos diferentes: enquanto Marini foi dirigente do Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR), Theotônio e Vânia ingressaram nas fileiras do Partido Socialista. Neste “primeiro retorno” após a anistia, Theotônio e Vânia se vincularam ao PDT, tornando-se formuladores desta agremiação; Marini, por sua vez, não se atrelou diretamente a nenhuma força política, mas, mesmo sem contar com referências claras, é possível supor que suas análises também foram reivindicadas por diferentes agrupamentos, embora de forma muito pontual e limitada.⁴

Em termos bibliográficos, e sem contar trabalhos como relatórios de pesquisas, entrevistas, ensaios e palestras, nessa década do “primeiro retorno” seria publicado no Brasil apenas um livro de Vânia Bambirra – **Cuba: 20 anos de cultura** (1983), com entrevistas aos principais personagens da política cultural cubana –, e outros quatro títulos de Theotônio dos Santos, todos de pouca circulação, a saber, **Teorias do capitalismo contemporâneo** (1983), **Forças produtivas e relações de produção** (1985), **O caminho**

2 Para mais detalhes da trajetória particular da teoria marxista da dependência no Brasil até os anos 2000, ver Prado (2011).

3 Sobre este tema, ver Cueva (1989).

4 Por exemplo, pelo Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), ligado ao PT, e também em setores sindicais do PDT, especialmente no Rio de Janeiro.

brasileiro para o socialismo (1986) e **Revolução científico-técnica e acumulação de capital** (1987). De Marini, a primeira publicação em livro no país apareceria apenas na década seguinte, em 1992, por uma editora muito pequena: trata-se da coleção de ensaios intitulada **América Latina: dependência e integração**, hoje uma raridade de colecionador.

Ainda na década de 1990 outras publicações de Vânia e Theotônio começaram a sair à luz. De Theotônio dos Santos foram publicados **Democracia e socialismo no capitalismo dependente** (1991), **Economia mundial, integração regional e desenvolvimento sustentável** (1993), **A revolução científico-técnica, a divisão internacional do trabalho e o sistema econômico mundial** (1994) e **Evolução histórica do Brasil** (1995). E de Vânia Bambirra foi lançado, em 1992, **A teoria marxista da transição e a prática socialista**.

Além dessas publicações, havia, por certo, menções pontuais à TMD por parte de alguns professores no meio universitário⁵ e de organizações políticas na esfera militante. De todo modo, durante grande parte da década de 1990 o debate no Brasil sobre a TMD ainda era bastante escasso.

Este quadro começa a mudar no final do século XX, diante da ascensão de movimentos populares latino-americanos, tendo como pano de fundo um processo de crise e crescente crítica ao neoliberalismo e de relativa latino-americanização do debate intelectual brasileiro. Com isto, abriu-se uma fresta histórica para a (re)construção de teorias revolucionárias, impulsionando uma nova geração de intelectuais (orgânicos e tradicionais) a construir o processo de retomada da teoria marxista da dependência. De forma simbólica, um ponto de partida de tal processo pode ser marcado pela primeira eleição de Hugo Chávez à presidência da Venezuela, em 1998, seguida pelas rebeliões indígenas na Bolívia e no Equador.

Por certo, foi precisamente em 1998 que a revista *Lutas sociais*, em seu número 5, publicou o artigo “Duas notas sobre o socialismo”, de Ruy Mauro Marini, e foi também neste ano que saiu a primeira tradução do artigo “Subdesenvolvimento e revolução”, igualmente de Marini, no livro **América Latina: história, ideias e revolução**, coletânea organizada por Paulo Barsotti e Luiz Bernardo Pericás.

No ano seguinte seria lançada no Brasil uma importante obra sobre **O marxismo na América Latina**, organizada por Michael Löwy, na qual há uma seção específica sobre “A teoria da dependência”, com breves extratos de textos fundamentais de Andre Gunder Frank, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini. Tais autores seriam devidamente

⁵ Tais como, por exemplo, Reinaldo Carcanholo, Nilson Araújo de Souza, Nildo Ouriques, Carlos Eduardo Martins, Marcelo Carcanholo, Niemeyer Almeida Filho, entre outros.

enquadrados como parte do “novo período revolucionário” do marxismo na América Latina, período este aberto pela Revolução Cubana em 1959.

Em 2000, duas obras cumpriram um papel primordial para reabrir o debate marxista sobre a dependência. Theotônio dos Santos publicou **Teoria da dependência**: balanço e perspectivas, no qual faz um excelente histórico do surgimento da controvérsia da dependência, argumentando no sentido da convergência de algumas teses da TMD com a análise de sistemas-mundo. E, numa coleção da editora Vozes, surgiu a iniciativa pioneira de divulgação de alguns dos principais textos de Ruy Mauro Marini, condensada na coletânea que Emir Sader organizou sob o nome de **Dialética da dependência**. Embora a primeira edição deste livro tenha se esgotado rapidamente e não tenha havido nenhuma reedição no Brasil⁶, esta publicação permitiu pela primeira vez o acesso em português de diversos textos de Marini, entre eles o próprio **Dialética da dependência** e o importante artigo titulado “Dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil”, contribuindo decisivamente para o conhecimento direto da sua obra no país, que até então era praticamente inacessível.

Pouco depois, em 2005, mais uma publicação fundamental viria a dar corpo à obra de Marini no Brasil. Trata-se de **Ruy Mauro Marini**: vida e obra, outra coletânea de textos que incluía uma nova tradução de **Dialética da dependência** e outros artigos e ensaios, inclusive seu importante “Memorial”, escrito no momento de sua reintegração à UnB em 1992. Esta coletânea foi organizada por João Pedro Stédile e Roberta Traspadini e contou com um cuidado editorial muito maior em relação à coletânea anteriormente mencionada. Reeditada desde sua primeira aparição, com preço acessível e como parte do catálogo da editora Expressão Popular, este livro é ainda hoje a mais importante fonte nacional de aproximação à obra de Marini.

E recentemente, em 2012, tal aproximação às fontes originais ganhou maior fôlego com a publicação de **Subdesenvolvimento e revolução**, primeiro livro de Marini que foi editado originalmente em 1969 no México. Este livro abriu a coleção Pátria Grande/Biblioteca do Pensamento Crítico Latino-americano, coordenada pelo Instituto de Estudos Latino-americanos (IELA) da UFSC e editada pela Insular. O segundo livro desta coleção ampliaria ainda mais o escopo das obras da TMD, com a publicação de **O capitalismo dependente latino-americano**, de Vânia Bambirra, cuja primeira edição foi lançada no Chile em 1972, tendo, a partir de 1974, dezenas de edições no México, algumas com grandes tiragens.

6 Oito anos depois, o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso) lançaria uma antologia organizada por Carlos Eduardo Martins com os mesmos textos escritos originalmente na língua castelhana, acrescidos de uma bibliografia completa da obra de Marini. O livro está disponível gratuitamente em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/se/20100830090624/marini.doc>.

Desta forma, alguns textos clássicos e originais da TMD estão difundidos no país, embora ainda tenha muito material a ser publicado em português. Primeiramente editados em larga escala nos países latino-americanos de língua castelhana, com significativa penetração nos movimentos populares e na intelectualidade radical, a TMD finalmente encontra um espaço efetivo no Brasil, reverberando nos debates contemporâneos sobre a atual etapa do desenvolvimento capitalista dependente, inclusive tendo papel de destaque na crítica à apologética retórica governista sobre o neodesenvolvimentismo.

Além das fontes originais, a TMD ganha espaço nas produções de comentadores e analistas da conjuntura. Em 2008, a Escola Brasileira de Administração Pública (Ebac) da FGV-Rio promoveu um simpósio chamado “O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento”, que contou com um módulo dedicado à obra de Ruy Mauro Marini, bem como a outros clássicos nacionais do pensamento social (Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, Josué de Castro, Milton Santos, Nelson Werneck Sodrê, Octávio Ianni e Paulo Freire). Neste sentido, Ruy Mauro é merecidamente reconhecido como um dos grandes intérpretes da formação econômico-social brasileira. Quatro anos depois, Paulo Emílio Martins e Oswaldo Munteal compilaram as exposições e lançaram o livro homônimo ao curso. Nesta obra, constam três artigos sobre a teoria da dependência.

Em 2009, num projeto editorial organizado por Carlos Eduardo Martins e Adrián Sotelo Valencia e coordenado por Emir Sader e Theotônio dos Santos, foi publicado o livro **América Latina e os desafios da globalização**: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini, uma coletânea de artigos e ensaios em torno da sua obra ou tocando em temas por ele trabalhados. No ano seguinte foi lançado **Encruzilhadas da América Latina no século XXI**, organizado por Rodrigo Castelo, que traz um capítulo de Marini – A crise do desenvolvimentismo –, além de um artigo específico sobre a TMD (PRADO e MEIRELES, 2010).

E, em 2012, veio à luz o livro **Padrão de reprodução do capital**, organizado por Carla Ferreira, Jaime Osorio e Mathias Luce, uma obra coletiva que pode ser tomada como a principal contribuição contemporânea à sistematização da TMD no Brasil, na medida em que articula simultaneamente a análise concreta da América Latina atual com os eixos teóricos centrais das obras de Vânia, Theotônio e Marini. Nela se destacam temas como a nova divisão internacional do trabalho, a especialização produtiva em mercadorias primárias para exportação, superexploração da força de trabalho e transferência de valor.

Neste mesmo sentido de atualização das teses clássicas da TMD a partir de “análises concretas de situações concretas”, temos três livros lançados recentemente:

Teoria da dependência e desenvolvimento do capitalismo na América Latina (2008) e **A reestruturação do mundo do trabalho**: superexploração e novos paradigmas do mundo do trabalho (2009), do autor mexicano Adrián Sotelo Valencia, e **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina** (2011), de Carlos Eduardo Martins, que acaba de ganhar uma primeira reimpressão.

Outra via de grande importância para a consolidação do debate em torno da TMD foi a constituição das “Cátedras para o Desenvolvimento” do IPEA a partir de 2008, entre as quais há uma em que Ruy Mauro Marini figura como patrono. A partir do apoio de bolsas de pesquisa concedidas por esta cátedra, surgiram dois livros: **Desenvolvimento e dependência**: atualidade do pensamento de Ruy Mauro Marini, organizado por Lafaiete Santos Neves (2012), e **Desenvolvimento e dependência**: cátedra Ruy Mauro Marini, organizado por Niemeyer Almeida Filho (2013). Desta forma, constata-se que um robusto aparelho estatal de hegemonia, então sob controle de intelectuais tradicionais do neodesenvolvimentismo, teve uma relativa permeabilidade à produção de pesquisas baseadas na TMD.

Ainda em termos bibliográficos, desde meados dos anos 2000 os textos e ideias da TMD passaram a figurar nos periódicos marxistas. Em 2004, num dossiê sobre o golpe de 1964, o terceiro número da revista *Margem Esquerda* reproduziu um trecho do já mencionado artigo “Dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil”. Mais adiante, em seu número 17, de 2011, a parte da revista dedicada a entrevistas deu a palavra a Vânia Bambirra, que discorre sobre variados temas em diálogo com Carlos Eduardo Martins. No vigésimo volume, há uma resenha, escrita por Mathias Luce, de **Subdesenvolvimento e revolução**. E, no número 21, **O capitalismo dependente latino-americano** mereceu uma nota de leitura de Carla Ferreira.

Nas páginas da revista *Crítica Marxista*, a mais antiga do país em circulação intermitente, a primeira aparição ocorreu sob a pena de João Machado, que escreveu um artigo sobre dependência e intercâmbio desigual no número 33, de 2011. Na edição seguinte, os editores reproduziram um texto de Marini – “O conceito de trabalho produtivo: nota metodológica” –, anteriormente divulgado nas coletâneas organizadas por Sader e por Stédile e Traspadini. Em seu número 36, de 2013, o periódico de Campinas dedicou um dossiê com artigos de Virgínia Fontes, Tatiana Berringer, Mathias Luce e Angelita Souza sobre o “Imperialismo brasileiro? Uma polêmica teórica e política”, no qual um dos temas centrais de debate é a categoria de subimperialismo e sua vigência no tempo presente.

A revista *História e luta de classes*, em seus números 5 e 6, de 2008 e 2009 respectivamente, publicou textos em torno do subimperialismo – “O subimperialismo

brasileiro na América Latina”, de Sérgio Domingues – e em torno da obra de Ruy Mauro – “Notas sobre o Estado no pensamento político de Ruy Mauro Marini”, artigo de João Carlos Mendonça. Já a revista *Outubro*, em seu número 20, de 2012, dedicou um espaço para a tradução do artigo de Marini “A acumulação capitalista mundial e o subimperialismo”. A TMD também mereceu uma brevíssima citação nas notas escritas por José Paulo Netto sobre a história do marxismo na América Latina. Estas notas foram publicadas em 2012 na edição dupla da revista *Novos Temas*.

O jornal *Brasil de Fato*, o único semanário editado pela esquerda brasileira, tem se constituído num dos veículos de maior circulação de algumas teses da TMD no país, especialmente através de artigos de Roberta Traspadini e Fábio Marvulle Bueno. Em 2008, este jornal publicou uma entrevista com Vânia Bambirra, que circulou em diferentes páginas eletrônicas.⁷ No número 462, de janeiro de 2012, o debate sobre o subimperialismo foi capa do jornal na matéria “Brasil potência, para quem?”. E a edição 40 do jornal *Imprensa Popular* publicou na sua seção Teoria uma matéria introdutória sobre Ruy Mauro Marini, na qual apresenta elementos biográficos de Marini e explora de forma sucinta temas como dualidade, desenvolvimentismo, superexploração, subimperialismo e revolução socialista.

No meio acadêmico, e em particular na área ampliada da economia política e das ciências sociais, desde finais da década de noventa e, mais fortemente, a partir da segunda metade dos anos 2000, surgiram diversos espaços de grande importância para a divulgação e aprofundamento do pensamento crítico em geral e, em particular, da teoria marxista da dependência.

Entre tais espaços é possível destacar, por exemplo, os Encontros Nacionais de Economia Política, organizados pela Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), que desde seu primeiro evento promove debates sobre o tema da dependência. No final de 2011, a revista da SEP publicou, em seu número 30, um dossiê sobre os 40 anos da Teoria da Dependência⁸. No ano seguinte, em 2012, a mesma revista, em seu número 32, publicou um artigo sobre “A superexploração da força de trabalho no Brasil”, de Mathias Luce. E no mesmo ano, durante o XVII Encontro Nacional de Economia Política, realizado na UFRJ, a SEP instituiu um grupo de trabalho precisamente sobre a teoria marxista da dependência (GT-TMD/SEP), grupo este que, em menos de dois anos de funcionamento, já aglutina mais de cinquenta pesquisadores de diversas partes do país e também do exterior.⁹

7 Atualmente esta entrevista pode ser vista em: <http://www.mst.org.br/node/5203>.

8 A data que marcaria simbolicamente o início da reflexão mais sistemática sobre a dependência seria 1971, ano de publicação na *American Economic Review* do artigo “A estrutura da dependência”, de Theotônio dos Santos, texto este reproduzido no mencionado número especial da Revista da SEP.

9 Para mais informações sobre o GT-TMD/SEP, ver a página www.imperialismoedependencia.org. A lista completa dos textos apresentados nos Encontros da SEP, bem como na Anpocs e monografias, dissertações e teses que tratam diretamente da TMD pode ser consultada nessa página.

Neste mesmo sentido, cabe apontar também o grupo de trabalho sobre Pensamento Social Latino-americano ligado à Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), coordenado por Sedi Hirano e Carlos Eduardo Martins, espaço no qual tem havido debates sistemáticos sobre a dependência. No total, se contabilizarmos os trabalhos apresentados na SEP e na Anpocs, teremos quase cinquenta artigos, e muito provavelmente este levantamento não esgota a totalidade destas produções.

Outros espaços acadêmicos onde é notável o interesse pela temática da TMD são os encontros de núcleos marxistas em diferentes regiões. Para mencionar apenas dois, vale lembrar os encontros bianuais do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp¹⁰, bem como os do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (Niep-Marx), da UFF.

Nos meios eletrônicos, merece destaque o dossiê montado recentemente pela página *Marxismo21* em torno à vida e obra militantes de Ruy Mauro Marini.¹¹ Uma página que se soma a outras dedicadas mais ou menos diretamente ao trabalho de difundir e debater temas que fazem parte da TMD.¹² E no blog *Convergência*, Felipe Demier publicou um artigo sobre a Polop no qual aponta as teses marxistas sobre a dependência como um dos pilares políticos da organização revolucionária em questão.

Talvez o núcleo irradiador de todo este processo de disseminação e aprofundamento do debate atual em torno da TMD esteja no trabalho sistemático de diferentes centros de pesquisa das universidades públicas, que congregam professores, técnico-administrativos, estudantes de graduação, mestrado e doutorado. Entre estes centros é possível destacar o já mencionado Instituto de Estudos Latino-americanos (Iela) da UFSC, a Rede Brasileira de Estudos Latino-americanos (Rebela)¹³, o Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC) da UFRJ, o Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (Lema), também da UFRJ, o Núcleo de História Econômica da Dependência Latino-americana (Hedla) da UFRGS, o Grupo de Estudos sobre Teoria da Dependência da Unila, entre outros que seguramente existem, mas que ainda não temos conhecimento.¹⁴

10 Em 2012, o Cemarx publicou um livro em parceria com o selo Outras Expressões, da editora Expressão Popular, com algumas comunicações apresentadas no 6º Colóquio Internacional Marx e Engels, realizado em 2009. Nesta obra há dois artigos sobre a TMD: "Uma nova fase do capitalismo e um novo padrão de dependência na América Latina?: elementos para uma investigação", de Marisa Amaral, "A teoria do subimperialismo brasileiro: notas para uma (re)discussão contemporânea", de Fábio Bueno e Raphael Seabra.

11 Ver: <http://marxismo21.org/ruy-mauro-marini-teoria-praxis-da-revolucao-na-al/>

12 Neste sentido, destacam-se as seguintes páginas: <http://www.marini-escritos-unam.mx> e <http://theotoniodossantos.blogspot.com.br/>

13 Desde 2011 esta rede edita a Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos, também denominada de Rebela, a qual pode ser consultada na seguinte página: <http://rebela.edugraf.ufsc.br/>

14 Ver: <http://www.iela.ufsc.br/>; <http://www.ufrgs.br/hedla/>; <http://lehc-ufrj.blogspot.com.br/>; <http://teoriadadependencia.blogspot.com.br/>

Tais organismos universitários promovem encontros, seminários, palestras e lançamentos de livros, desenvolvem linhas de pesquisa e ofertam cursos de pós-graduação, graduação e extensão com bastante êxito, pois atraem um grande público, muitas vezes externo à universidade, e resultam em uma expressiva produção de monografias, dissertações e teses diretamente relacionadas a TMD. Algumas destas iniciativas chegam mesmo a se desdobrar em parcerias dos setores mais críticos da universidade com movimentos sociais populares, possibilitando a abertura de espaços de articulação política dentro da Torre de Marfim dos intelectuais tradicionais e conservadores.¹⁵

Pois bem, a partir desse mapa bibliográfico sobre a TMD no Brasil contemporâneo – um mapa amplo, mas mesmo assim incompleto –, é possível perceber que, além de existir um movimento contra-hegemônico furando o bloqueio prévio que houve em relação à TMD no país, é notável o surgimento de uma nova geração de intelectuais ligados a esta corrente teórica. Uma nova geração que tem levado a cabo o desafio de resgatar e difundir as teses clássicas da TMD. E, mais importante que isso, tem buscado realizar, com base nela – isto é, inspirada pelas trajetórias militantes de seus fundadores e pela capacidade explicativa de suas categorias –, as necessárias “análises concretas de situações concretas” da atual conjuntura, sem se limitar a exegese daqueles autores, que atualmente vivem seu “segundo retorno” no cenário político-intelectual brasileiro.

De todo modo, para além das expressões da retomada da TMD, é preciso compreender os elementos do atual período histórico que tornaram possível e necessária tal retomada, dado que as ideologias só são inteligíveis caso relacione-as com as experiências vivenciadas pelas classes sociais na complexa dinâmica econômica, política e cultural das formações econômico-sociais. É preciso também questionar os temas pendentes da TMD que ainda devem ser melhor trabalhados e, mais importante, analisar tentativamente quais são os impactos – se é que existem – no plano político-ideológico daquela mesma retomada da teoria marxista da dependência no Brasil contemporâneo.

III. O fim da supremacia? Razões da retomada da TMD e temas pendentes (notas para uma conclusão provisória)

O primeiro ponto a ter claro é que o resgate da TMD nos últimos 15 anos se deve principalmente a características objetivas e subjetivas deste período histórico, em que determinadas mudanças conjunturais renovaram antigas e geraram novas controvérsias, as quais, por sua vez, acabam por remeter à TMD como possível caminho explicativo.

15 A universidade não é, de forma alguma, o espaço para a formulação de uma teoria revolucionária. Contudo, dado o desmonte dos aparelhos de formação dos partidos de esquerda e sindicatos classistas e, em certa medida, dos movimentos sociais, acaba por figurar como um espaço importante de reflexão crítica e difusão do marxismo.

Entre tais características, uma que se apresenta inicialmente é a perda de legitimidade política e teórica do ex-professor e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, cujas teses sobre a dependência exerceram um peso decisivo no pensamento social brasileiro desde os anos 1970. Sua hegemonia capturou um amplo leque ideológico através de diferentes aparelhos privados e estatais de consenso, arrastando para sua esfera de influência parte da chamada “nova esquerda” que se formava durante as décadas de 1980 e 1990. Após os dois mandatos presidenciais de FHC ficou evidente que o seu projeto do “desenvolvimento associado” defendia, no fundo, um aprofundamento da dependência dos países latino-americanos, o que veio a se confirmar no plano político com a ofensiva neoliberal a partir dos anos 1980. Ao se desdobrar e tomar novos aspectos com os governos Lula e Dilma, esse projeto neoliberal trouxe à tona fenômenos para cuja explicação a TMD oferece sólidas categorias e interpretações.

Neste sentido, a categoria mais óbvia é a de dependência, que tem voltado à discussão como forma de crítica ao ideário novo-desenvolvimentista. Mas esta categoria não tem sido resgatada apenas no plano da história das ideias. De forma aparentemente contraditória, no período histórico recente a categoria também tem sido utilizada no bojo do debate sobre a reprimarização e desindustrialização da economia brasileira, dadas as transformações da inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho, que se modificou profundamente com a ascensão da China como um dos pólos regionais do mercado mundial (OSORIO, 2012; TRASPADINI, 2011).

Outros fenômenos que remetem ao estudo da TMD são a formação ou não de um mercado interno de massas, a constatação de um crescimento econômico com leve distribuição de renda (porém não de riqueza), a reestruturação produtiva e seus impactos em termos de intensificação e prolongamento da jornada de trabalho e a precarização em geral do reino da produção, além da ampliação do valor histórico-moral da força de trabalho sem correspondentes aumentos salariais. Em suma, há uma série de elementos da realidade concreta que sugerem a vigência da superexploração da força de trabalho e, mais ainda, seu recrudescimento (LUCE, 2013a; ARAÚJO, 2012; SANTANA, 2012; CARCANHOLO, 2013; MOTA, 2013; ROCHA, 2012).

Há também o intenso e decisivo debate sobre a recente expansão brasileira na América Latina e na África, que traz à tona com força renovada a categoria de subimperialismo. Estudos de diferentes matrizes teóricas e políticas têm chamado a atenção e buscado entender, por um lado, a expansão das transnacionais brasileiras e, por outro, a

estratégia geopolítica do país, alguns defendendo tal categoria, outros reavaliando-a ou então descartando-a.¹⁶

Outro tema que perpassa diretamente parte da obra de Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini e que historicamente foi debatido nas organizações políticas de esquerda – e que, no Brasil, tem sido cada vez mais tratado a partir da discussão em torno do projeto democrático-popular – é a relação entre a tática e a estratégia na transição socialista. Um tema presente na TMD a partir de análises concretas em **El reformismo y la contrarrevolución**: estudios sobre Chile, de Marini (1976), e analisado teórica e historicamente por Vânia e Theotônio em **La estrategia y la táctica socialistas de Marx y Engels a Lenin** (1980). Tais obras – ainda sem tradução na língua portuguesa e pouco conhecidas até mesmo pela nova geração de intelectuais – podem ser consideradas como uma espécie de fronteira para o aprofundamento e enraizamento da TMD no Brasil contemporâneo, sobretudo nos espaços fundamentais em que o marxismo deve se expressar de fato como uma filosofia da práxis, isto é, nos sindicatos, movimentos sociais e partidos anticapitalistas, socialistas e comunistas.

Como vimos ao longo deste ensaio, estamos diante de um fortalecimento da teoria marxista da dependência nas trincheiras e casamatas da sociedade civil brasileira relacionadas a organizações da classe trabalhadora e seus representantes intelectuais, orgânicos ou tradicionais. O mercado editorial abriu suas portas para publicações que defendem teses clássicas e contemporâneas da TMD. Nichos da universidade pública sediam pólos de produção e difusão destas teses, que encontram espaço em importantes eventos de debate acadêmico, jornais e revistas científicas. Ou seja, está se constituindo – ainda sem uma direção clara e centralizada – um conjunto de aparelhos estatais e privados contra-hegemônicos de contestação da decadência ideológica do pensamento social brasileiro¹⁷. Neste sentido, é preciso reconhecer o papel de destaque que os intelectuais vinculados de alguma forma à TMD cumprem na organização da resistência ideológica ao novo padrão de reprodução do capital, estabelecido no país desde o início da etapa neoliberal do imperialismo nos anos 1990 e que ganhou força nos governos liderados pelo Partido dos Trabalhadores e seu programa democrático-popular.

De todo modo, este avanço é tímido para efetivamente disputar a direção intelectual-moral em torno dos debates sobre a dependência. A supremacia ainda está nas mãos das classes proprietárias e seus operadores encastelados no poder estatal. Uma das tarefas para o rompimento com tal supremacia seria uma relação orgânica da nova geração

16 Além do já citado dossiê do número 36 da revista *Crítica Marxista*, entre tais esforços podemos destacar os estudos de Fontes (2009), Luce (2011) e Zibechi (2012).

17 Sobre a decadência ideológica do pensamento social brasileiro, cf. Castelo (2012).

da TMD – que na verdade se constitui tão somente como uma das matrizes do marxismo – com movimentos sociais e sindicatos de massa e partidos políticos revolucionários, o que ainda não é uma realidade. É certo que boa parte dos intelectuais vinculados aos centros de pesquisa universitários, revistas, jornais, editoras e associações supracitados são militantes em diversas organizações da esquerda, mas a relação das teses da TMD com as táticas e estratégias de setores mais radicalizados da classe trabalhadora é lateral, até porque não foi formulada nos debates internos das suas organizações. A consciência da classe não pode vir de fora dos processos de luta e auto-organização dos trabalhadores. Neste caso, temos um enorme caminho a percorrer.

É preciso seguir na trilha de retomar o fio da TMD e fazê-lo de modo criador, resgatando a controvérsia da dependência juntamente com o próprio marxismo e as lutas sócio-políticas emanadas dos interesses da classe trabalhadora em produzir a sua auto-emancipação diante do imperialismo. As múltiplas determinações da etapa contemporânea do capitalismo dependente latino-americano não cabem nas citações das formulações clássicas da TMD. A contínua transformação da realidade impele a nova geração de intelectuais a buscar um aperfeiçoamento do arcabouço teórico-metodológico marxista, atitude necessária para ajudar na tarefa de desvelar elementos da aparência e, primordialmente, da essência do desenvolvimento do modo de produção capitalista nestas paragens dependentes e espoliadas pelas grandes corporações imperialistas, sejam elas externas ou internas. É preciso captar e sistematizar, sob o princípio da totalidade – base do método materialista histórico-dialético – aquelas múltiplas determinações em uma nova síntese, caso queiramos avançar nos processos de transformação social necessários à emancipação da América Latina, em geral, e do Brasil, em particular.

Referências bibliográficas

ALMEIDA Filho, Niemeyer (org.). **Desenvolvimento e dependência**: cátedra Ruy Mauro Marini. Brasília: IPEA, 2013.

AMARAL, Marisa Silva. Uma nova fase do capitalismo e um novo padrão de dependência na América Latina?: elementos para uma investigação. In: **Capitalismo**: crises e resistências. Andréia Galvão et. al. (orgs.). São Paulo: Outras Expressões, 2012.

ARAÚJO, Elizeu Serra, A exploração da força de trabalho no Brasil na fase atual do capitalismo (1990-2007). In: **Anais do XVII Encontro Nacional de Economia Política**, Rio de Janeiro, 2012.

BAMBIRRA, Vânia. **Cuba: 20 anos de cultura**. São Paulo: Hucitec, 1983.

_____. **A teoria marxista da transição e prática socialista**. Brasília: Ed. da UnB, 1993.

_____. **O capitalismo dependente latino-americano**. Florianópolis: Insular/IELA, [1972] 2012.

_____ e Dos SANTOS, Theotônio. **La estrategia y la táctica socialistas de Marx y Engels a Lenin**. México DF: Era, 1980.

BARROS E SILVA, Fernando, "O provocador cordial", **Folha de S. Paulo**, Caderno Ilustríssima, 2011.

BERRINGER, Tatiana. A tese do imperialismo brasileiro em questão. **Crítica Marxista**, Campinas, n.36, 2013, p.115-127.

BUENO, Fábio Marvulle. As novas perspectivas da economia brasileira. **Brasil de Fato**, São Paulo, 9 a 15 de agosto de 2012, p.7.

_____ e SEABRA, Raphael Lana. A teoria do subimperialismo brasileiro: notas para uma (re)discussão contemporânea. In: **Capitalismo: crises e resistências**. Andréia Galvão et. al. (orgs.). São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CARCANHOLO, Marcelo. O atual resgate crítico da teoria marxista da dependência. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, jan./abr. 2013, p. 191-205.

CASTELO, Rodrigo. O novo-desenvolvimentismo e a decadência ideológica do pensamento econômico brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n.112, 2012, p.613-636.

CAZES, Leonardo, "O segundo retorno", **O Globo**, Caderno Prosa & Verso, 2013.

CUEVA, Agustín (org.). **Tempos conservadores**. São Paulo: Hucitec, 1989.

DEMIER, Felipe. Breves notas sobre a Organização Revolucionária Marxista, a Polop. Disponível em <http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=839>. Acesso em 20 de set. 2013.

DOMINGUES, Sérgio. O subimperialismo brasileiro na América Latina. **História e luta de classes**, n. 6, 2008. p. 85-88.

Dos SANTOS, Theotônio. **Teorias do capitalismo contemporâneo**. Belo Horizonte: Vega, 1983.

_____. **Forças produtivas e relações de produção**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **O caminho brasileiro para o socialismo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Revolução científico-técnica e acumulação de capital**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Democracia e socialismo no capitalismo dependente**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Economia mundial, integração regional e desenvolvimento sustentável: as novas tendências da economia mundial e a integração latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Evolução histórica do Brasil: da Colônia à crise da Nova República**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. A estrutura da dependência. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, São Paulo, n.30, 2011, p.5-18.

_____. Lições da nossa história. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, São Paulo, n.30, 2011, p.19-32.

FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime e LUCE, Mathias (orgs.). **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.

FONTES, Virgínia. O imperialismo brasileiro. In: **Empresas transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário**. Instituto Rosa Luxemburg et. al. (orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. A incorporação subalterna brasileira ao capital-imperialismo. **Crítica Marxista**, Campinas, n.36, 2013, p.103-113.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, vol.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1934-5] 2002.

LÖWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

LUCE, Mathias. **A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini. Contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. A superexploração da força de trabalho no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, São Paulo, n.32, 2012, p.119-141.

_____. O subimperialismo, etapa superior do capitalismo dependente. **Crítica Marxista**, Campinas, n.36, 2013, p.129-141.

_____. Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da força de trabalho. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, vol.11, n.1, 2013a, p.169-190.

MARINI, Ruy Mauro. **El reformismo y la contrarrevolución**: estudios sobre Chile. México DF: Era, 1976.

_____. **América Latina**: dependência e integração. São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

_____. Subdesenvolvimento e revolução. In: **América Latina**: história, ideias e revolução. Paulo Barsotti e Luiz Bernardo Pericás (orgs.). São Paulo: Xamã, 1998.

_____. Duas notas sobre o socialismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 5, 1998a, p. 107-123.

_____. **Dialética da dependência**. Emir Sader (org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A intervenção militar. **Margem Esquerda**, São Paulo, n.3. 2004, p. 61-64.

_____. A crise do desenvolvimentismo. In: **Encruzilhadas da América Latina no século XXI**. Rodrigo Castelo (org.). Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

_____. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular/IELA, [1969] 2012.

MARTINS, Carlos Eduardo. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, Carlos Eduardo e VALENCIA, Adrián Sotelo (orgs.). **América Latina e os desafios da globalização**: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2009.

MARTINS, Paulo Emílio e MUNTEAL, Oswaldo (orgs.). **O Brasil em evidência**: a utopia do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

MENDONÇA, João Carlos. Notas sobre o Estado no pensamento político de Ruy Mauro Marini. **História e luta de classes**, n.6, 2009, p. 38-44.

MOTA, Ana Elizabete. Trabalho precário na indústria de confecções: apontamentos sobre a realidade brasileira e a portuguesa. **Socius working paper** n.04, Lisboa, 2013. Disponível em http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp_04_2013.pdf.

NETO, João Machado Borges. Ruy Mauro Marini: dependência e intercâmbio desigual. **Crítica Marxista**, Campinas, n.33, 2011, p.83-104.

NETTO, José Paulo. Nota sobre o marxismo na América Latina. **Novos Temas**, Salvador/São Paulo, n.5/6, 2012, p.43-60.

NEVES, Lafaiete Santos (org.). **Desenvolvimento e dependência**: atualidade do pensamento de Ruy Mauro Marini. Curitiba: CRV, 2012.

OSORIO, Jaime. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região. In: **Padrão de reprodução do capital**: contribuições da teoria marxista da dependência. Carla Ferreira, Jaime Osorio e Mathias Luce (orgs.). São Paulo: Boitempo, 2012.

PRADO, Fernando. A história do não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, vol. 29, n. 2, 2011, p.68-94.

_____ e MEIRELES, Monika. Teoria marxista da dependência revisitada: elementos para a crítica ao novo desenvolvimentismo dos atuais governos de centro-esquerda latino-americanos. In: **Encruzilhadas da América Latina no século XXI**. Rodrigo Castelo (org.). Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

ROCHA, Mirella. O mito do desenvolvimento socioeconômico do Brasil no século XXI: análise a partir dos planos governamentais da era Lula. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 12, n.24, 2012, p.325-351.

SANTANA, Pedro Marques de. **Um estudo sobre o conceito de superexploração do trabalho na obra de Ruy Mauro Marini**. Dissertação de Mestrado em Economia, Universidade Federal da Bahia, 2012.

SERRA, Eduardo; COSTA, Ricardo e CASTELO, Rodrigo. Dependência e revolução socialista: a contribuição de Ruy Mauro Marini. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, setembro de 2013. Teoria, p.8.

SOTELO VALENCIA, Adrián. **Teoria da dependência e desenvolvimento do capitalismo na América Latina**. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2008.

_____. **A reestruturação do mundo do trabalho**: superexploração e novos paradigmas do mundo do trabalho. Uberlândia: Ed. da UFU, 2009.

SOUZA, Angelita Matos. Crítica à noção de subimperialismo. **Crítica Marxista**, Campinas, n.36, 2013, p.143-151.

STÉDILE, João Pedro e TRASPADINI, Roberta (orgs.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TRASPADINI, Roberta. Reprimarização e dependência. **Brasil de Fato**, São Paulo, 14-20 de abril de 2011. Opinião, p.3.

ZIBECHI, Raúl. **Brasil potência**: entre a integração regional e um novo imperialismo. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.